

CONVIVÊNCIA ESCOLAR: A QUESTÃO DOS CONFLITOS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES E ALUNOS

LEITE, Célio Rodrigues – UA/SEK.
celioleite@seed.pr.gov.br

Área Temática: Formação de Professores
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente estudo procura abordar as estratégias usadas pelos professores para a resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos. Para tal procedimento busca analisar a qualidade do convívio nas Escolas Estaduais de Educação Básica situadas no município de Pinhais-Paraná-Brasil. Partindo do questionamento: quais estratégias podem ser usadas para a resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos, iniciou com uma ampla consulta bibliográfica disponível sobre o assunto, aliada a experiência prática junto à rede de Educação Básica do Paraná, possibilitando uma aproximação entre a teoria estudada e a prática do dia-a-dia. Com o objetivo de responder esta questão e formalizar a coleta de dados, optou-se pela utilização da técnica “Focus Group”, ou seja, Grupo Focal, que permitiu trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, possibilitando que eles apresentassem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre o tema. A partir de uma pesquisa de campo exploratória que contou com a participação de 10 (dez) professores e 10 (dez) alunos, ambos voluntários, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, de duas Instituições de Ensino do município de Pinhais-PR. Para análise das questões apresentadas foram elencadas três categorias assim definidas: qualidade do convívio escolar; caminhos usados na resolução de conflitos e eficácia das estratégias usadas. Após a transcrição dos dados coletados e a confrontação com os estudos já realizados, os resultados apontaram para a necessidade de rever práticas pedagógicas e um maior esforço dos órgãos governamentais em proporcionar aos professores e gestores escolares formação inicial e continuada voltada para a aquisição de conhecimentos sobre as questões que envolvem conflitos dentro da escola, seja entre os alunos ou entre professores e alunos.

Palavras-chave: alunos; convivência escolar; conflitos; estratégias; professores.

Introdução

As instituições de Educação Básica têm enfrentado problemas referentes à conduta dos seus professores, funcionários e alunos diante dos conflitos que ocorrem diariamente em seus interiores. A falta de mecanismos eficazes para resolução desses conflitos gera insatisfação por parte de todos e angústia entre os profissionais que lá atuam, pois na maioria

das vezes não encontram saídas para corrigir situações que acabam por prejudicar o bom andamento das questões educacionais, dificultando as relações de convivência.

De acordo com o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1998), é importante ressaltar que a convivência escolar será um dos grandes desafios deste século. Com base na Lei Federal nº 9.394 de 20/12/1996, entende-se que o processo de formação de profissionais para a Educação Básica tem como finalidade a preparação destes para o atendimento “dos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino” e “às características de cada fase do desenvolvimento do educando”, fundamentado na associação entre teorias e práticas (art. 61). Observa-se também que estes trabalhadores, ao ingressarem no mercado de trabalho, não demonstram possuir habilidades desenvolvidas suficientemente para atender à realidade educacional presente, principalmente no que diz respeito às adversidades existentes no interior das escolas. Disputas internas, autoritarismo, incompetência, desrespeito às diferenças, descontrole emocional, injustiças, comunicação distorcida e falta de motivação são exemplos de comportamentos que freqüentemente geram alguma forma de conflito.

Segundo Aquino (1996), “há muito, os conflitos deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais”.

É indiscutível a importância de um ambiente escolar que favoreça a convivência harmoniosa entre seus sujeitos, seja para a promoção da aprendizagem, o principal objetivo da escola, seja para a formação do aluno de modo geral e o bem estar de todos. Entretanto, a qualidade deste convívio vem sendo questionada, cada vez mais. Por isso a pesquisa buscou identificar os caminhos usados pelos professores para a resolução dos conflitos dentro dos espaços escolares, ouvindo não só o ponto de vista deles, mas também dos alunos. Procurou também, investigar como alunos e professores percebem o convívio em suas escolas, tanto no que diz respeito aos conflitos mal resolvidos, como em relação à sua percepção sobre o funcionamento da escola, a organização do estabelecimento, a aplicação e o cumprimento das regras, a qualidade das relações interpessoais, e, ainda, de suas crenças acerca das causas e estratégias para a resolução dos conflitos. Pensar numa escola voltada para os dias atuais, onde se encontra uma clientela muito diferente de outrora.

Como dizia Paulo Freire, “comunicar-se com os alunos é altamente positivo, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis e críticos”. Ainda:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. ...o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE,1996, p. 59).

A escola é feita de momentos, sendo que a forma que ela assume em cada situação é sempre o resultado provisório do movimento permanente de transformação, pressupondo tensões, conflitos, esperanças e busca por propostas alternativas.

A partir de uma revisão das pesquisas brasileiras sobre a convivência escolar, SPOSITO (2001) revela que “o seu estudo é relativamente recente no Brasil, tendo a maioria iniciada na década de 1980”. Além disso, nota-se a dificuldade em caracterizar a grandeza do fenômeno em termos locais, que pode ser atribuído a iniciativas dispersas do poder público na coleta de informações e à ausência de mecanismos de registros, verificação e avaliação das ocorrências. Ocorre que, geralmente, os casos somente são levados e analisados pelas autoridades quando se infringem direitos adquiridos pelos cidadãos, previstos na Constituição Federal Brasileira (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069 de 13/07/1990.

Considerando que a diversidade pode ser uma das principais fontes de conflito nas escolas, situação que se agrava cada vez mais devido à falta de conhecimento e compreensão de alternativas para enfrentar os conflitos, assim como capacidade limitada para viver com as diferenças presentes em nossa sociedade, observa-se que a escola como um todo deve colocar objetivos pedagógicos para enfrentar o conflito. Uma das principais inseguranças e dificuldades reside em como lidar com as desavenças. Os profissionais que lidam com a educação, em geral, sentem-se despreparados para atuar com os desentendimentos e a brigas entre alunos e, sobretudo entre alunos e professores. Na maioria das vezes, se frustram por não encontrarem soluções concretas para a resolução desses problemas.

O trabalho do professor não é o de fixar, através de receitas prontas, comportamentos pré-estabelecidos, mas o de criar, segundo seus objetivos e as características daquilo que ensina, métodos de ação e pensamento que considerem valiosos. “Ter um método para transmitir disciplinas não é de ter um discurso sobre a disciplina, mas é criar uma maneira de trabalhar”.AQUINO (1996).

[...] não é possível supor a escola como uma instituição independente ou autônoma em relação ao contexto sócio-histórico, não se pode supor que haja um espelhamento imediato entre ela e suas instituições vizinhas. Isso porque não se pode admitir que o cotidiano escolar seja marionete (e seus protagonistas, reféns) das imposições externas. (AQUINO, 2003, p. 40).

Segundo Telma Vinha (1999), com base nos estudos de Piaget, acredita que “os conflitos são ótimas oportunidades para trabalharmos valores e regras”. São compreendidos como momentos presentes no cotidiano de cada sala de aula ou escola e que “dão pistas” sobre o que os alunos precisam aprender. Dessa forma, as desavenças são encaradas como positivas e necessárias, mesmo que desgastantes.

Desenvolvimento

Levando-se em consideração à formulação do problema, seu objetivo geral e os específicos, bem como a fundamentação teórica, são disponibilizados os aspectos metodológicos da pesquisa. Este trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa, por proporcionar um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados. Com o objetivo de responder aos questionamentos e formalizar a coleta de dados, optou-se pela utilização da técnica “Focus Group”, ou seja, Grupo Focal.

O objetivo central do grupo focal foi identificar percepções, sentimentos, atitudes e idéias dos participantes, a respeito de um determinado assunto, neste caso a convivência escolar. Sob o ponto de vista dos participantes, a reunião foi completamente flexível e não estruturada, dando margem à discussão proposta. Entretanto, sob a perspectiva do pesquisador houve um planejamento sobre o que deveria ser discutido com base nos objetivos propostos.

O “roteiro de debate” (Quadros um e dois) foi o parâmetro utilizado pelo pesquisador para conduzir o Grupo Focal, servindo apenas como meio de orientação.

Foram convidados 10 professores que atuam na rede estadual de ensino, nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio Regular, selecionados aleatoriamente com base no interesse em discutir o assunto sobre a convivência escolar e a resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos.

Formou-se outro grupo com 10 alunos, também voluntários, da rede estadual de ensino, das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Regular.

A análise dos dados coletados após as entrevistas, a transcrição das falas, seguiu a linha descritiva para tratar do ponto de vista dos dois segmentos. Para tanto foram usadas as

categorias previamente estabelecidas no roteiro, com o propósito de visualizar os três momentos distintos: qualidade do convívio; estratégias de resolução de conflitos e a eficácia das estratégias usadas pelos professores.

Quadro 1 – Roteiro para entrevista com professores

ROTEIRO DE DEBATE – GRUPO FOCAL PÚBLICO ALVO: PROFESSORES		
CONVIVÊNCIA ESCOLAR: A QUESTÃO DOS CONFLITOS ENTRE ALUNOS E ENTRE PROFESSORES E ALUNOS		
CATEGORIAS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDOS		
OBJETIVOS	Qualidade do convívio escolar	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Investigar como professores e alunos percebem as relações de convívio dentro da escola. ✓ Levantar estratégias para resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos. ✓ Analisar as estratégias de resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que você considera conflito escolar? ✓ Quais são os conflitos mais comuns na escola? ✓ Quais são os conflitos mais difíceis de resolver? ✓ A que você atribui a existência desses conflitos? ✓ Como deve ser um “bom” aluno? 	
	Caminhos para resolver conflitos na escola	
		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Como você normalmente resolve os conflitos? ✓ Como vê os conflitos entre alunos? Qual sua função? ✓ Como vê os conflitos entre professores e os alunos?
	Eficácia das estratégias usadas para resolver conflitos	
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Qual a melhor maneira para resolver um conflito? ✓ O que deveria ser evidenciado na aplicabilidade do Regimento Escolar? 	

Quadro 2 – Roteiro para entrevista com alunos

ROTEIRO DE DEBATE – GRUPO FOCAL PÚBLICO ALVO: ALUNOS		
CONVIVÊNCIA ESCOLAR: A QUESTÃO DOS CONFLITOS ENTRE ALUNOS E ENTRE PROFESSORES E ALUNOS		
CATEGORIAS PARA ANÁLISE DE CONTEÚDOS		
OBJETIVOS	Qualidade do convívio escolar	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Investigar como professores e alunos percebem as relações de convívio dentro da escola. ✓ Levantar estratégias para resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos. ✓ Analisar as estratégias de 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que você considera conflito escolar? ✓ Quais são os conflitos mais comuns na sua escola? ✓ A que você atribui a existência desses conflitos? ✓ Como deve ser um “bom” aluno? ✓ Qual é a melhor aula? E a pior aula? ✓ Como deve ser um bom professor? 	
	Caminhos para resolver conflitos na escola	
		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Como você vê os conflitos entre alunos? ✓ Como vê os conflitos entre professores e os alunos?
	Eficácia das estratégias usadas para resolver conflitos	

resolução de conflitos entre alunos e entre professores e alunos.	<input checked="" type="checkbox"/> Você sabe o que é o Regimento Escolar? Já viu? <input checked="" type="checkbox"/> Como geralmente os professores resolvem os conflitos? <input checked="" type="checkbox"/> Qual a melhor maneira para resolver um conflito?
---	---

1. Qualidade do convívio escolar:

Do ponto de vista dos professores

A grande maioria considera que a sua escola valoriza o bom relacionamento entre alunos e entre alunos e professores, um pouco mais acentuado entre os professores com mais tempo na escola. Verifica-se ainda que entre esses professores, existe uma visão mais otimista em relação à resolução dos problemas enfrentados pela escola. Entretanto, apesar desta avaliação positiva, mais da metade dos professores entrevistados considera que a quantidade de conflitos aumentou muito nos últimos anos.

Verificou-se que aproximadamente um terço dos professores participantes considera que a relação entre alunos e professores é difícil; que não há relação entre esta visão com a idade ou tempo de magistério, afirmando que a situação está generalizada em todas as escolas. Uma pequena parcela dos entrevistados afirma que essa relação é apenas regular.

Em relação aos alunos, o que os professores mais valorizam é serem reconhecidos, manterem uma boa relação e serem capazes de ter sucesso profissional. O pior para os professores entrevistados é a falta de respeito, junto com a percepção de que fracassam ao motivá-los e o sentimento de que os alunos são indiferentes.

Em relação aos pais dos alunos, o que os professores em geral valorizam é conquistarem sua confiança e terem uma relação harmoniosa. O que mais incomoda a todos é que os pais, em geral, não se preocupam com a educação de seus filhos, embora esse aspecto não seja foco principal da pesquisa. Os conflitos entre alunos e professores são atribuídos à ausência de limites colocados pela família em casa. Uma pequena parte dos professores atribui responsabilidade à instituição pelos conflitos ocorridos na escola. Quase a metade atribui o mesmo à falta de limites dos alunos. Há uma divergência acentuada sobre a ausência de planejamento para resolução dos conflitos. Em geral, os professores consideram que são bons naquilo que fazem e destacam como virtude fundamental sua preocupação com os

alunos, sem deixar de reconhecer que têm problemas para compreender os alunos mais difíceis.

Do ponto de vista dos alunos:

A grande maioria dos alunos considera que a sua escola valoriza o bom relacionamento entre alunos e entre alunos e professores. Principalmente entre os alunos mais velhos, que freqüentam a escola por mais tempo.

Mais da metade dos alunos considera que existem muitos conflitos na escola e que muitas vezes se transformam em brigas violentas. Entre os mais jovens não se observa essa preocupação.

Verifica-se que a maioria raramente se envolve com agressões físicas, pois quase a totalidade afirma nunca ter sofrido esse tipo de ocorrência, salvo empurrões, sofridos principalmente pelos mais jovens e mais novos na escola. Entretanto, são bem mais freqüentes as agressões verbais, como insultos, exposição ao ridículo com apelidos, difamação, rejeição e isolamento. Importante ressaltar que a maioria dos entrevistados relata que alguns desses casos ocorrem também entre professores e alunos e não somente entre eles. Segundo os alunos, o furto ou danificação de pertences também é freqüente.

Complementando os dados sobre a percepção de aumento na incidência de conflitos, verifica-se que quase a metade dos alunos considera que a relação entre alunos e alguns professores é difícil. A proporção de alunos que relata ter sofrido agressão, mesmo que verbal, da parte do professor é significativa. As principais queixas de agressão perpetrada pelos professores consistem em ser insultado, ridicularizado ou desprezado.

Caminhos para resolver os conflitos na escola

Do ponto de vista dos professores:

A dificuldade na relação professor aluno é atribuída ao comportamento dos alunos e ao exercício da disciplina. Mais da metade dos professores considera que, em muitas ocasiões, o professor é forçado pelo comportamento dos alunos a exercer sua autoridade e muitas vezes recorra de fato ao autoritarismo.

A ocorrência de conflitos entre alunos e professores é atribuída à ausência de limites colocados pela família e desinteresse dos alunos por qualquer aula. Vale destacar que apenas

um terço dos professores considera que são responsáveis pela instauração dos conflitos ou tratamento diferenciado a alguns alunos ou agressão, mesmo que verbal. Estes tendem a responsabilizar mais os alunos eximindo-se da sua parcela de responsabilidade pela boa convivência, mesmo que parte deles manifeste dúvidas acerca da adequação das normas e sua aplicação, bem como da realização de atividades voltadas para a melhoria do convívio.

Do ponto de vista dos alunos:

A dificuldade na relação entre os alunos se refere à briga por espaço, poder, status. Mais da metade dos entrevistados considera que sempre haverá o grupo dos que mandam e o grupo dos que obedecem. Não significando necessariamente que haja violência física.

Na relação com o professor mais da metade dos alunos mais velhos considera que o professor, em muitas vezes, é forçado a exercer sua autoridade devido o comportamento do aluno. Alguns atribuem a responsabilidade aos professores, a diferença de idade ou por não estabelecerem regras claras e universais com os alunos. Verifica-se assim, o apoio de boa parte dos entrevistados ao exercício da autoridade pelo professor para garantir boas condições de convívio em sala de aula. Opinião que mais prevalece.

Quando se referem às atitudes dos alunos em sala, boa parte dos entrevistados considera que essas ocorrências dependem da forma como o professor se apresenta perante a turma. Cerca de um quinto dos entrevistados atribui maior importância à existência de regras claras e rigorosas.

Eficácia das estratégias usadas pelos professores para resolver conflitos.

Do ponto de vista dos professores:

Os professores quase sempre acabam padecendo de uma espécie de sentimento de “mãos atadas” quando confrontados com situações de conflito. Ao opinarem sobre a eficácia das estratégias para resolução de conflitos, a grande maioria é favorável à intervenção de uma terceira parte para a resolução dos mesmos.

Quando indagados sobre a educação de princípios fundamentais, como respeito e ética, parece que os professores têm opiniões muito diferentes sobre o assunto. No que a maioria está de acordo é que um bom professor deve comportar segundo os valores que

ensina. Por outro lado, quase a totalidade dos professores, opina que a educação moral dos alunos é de responsabilidade dos pais.

Do ponto de vista dos alunos:

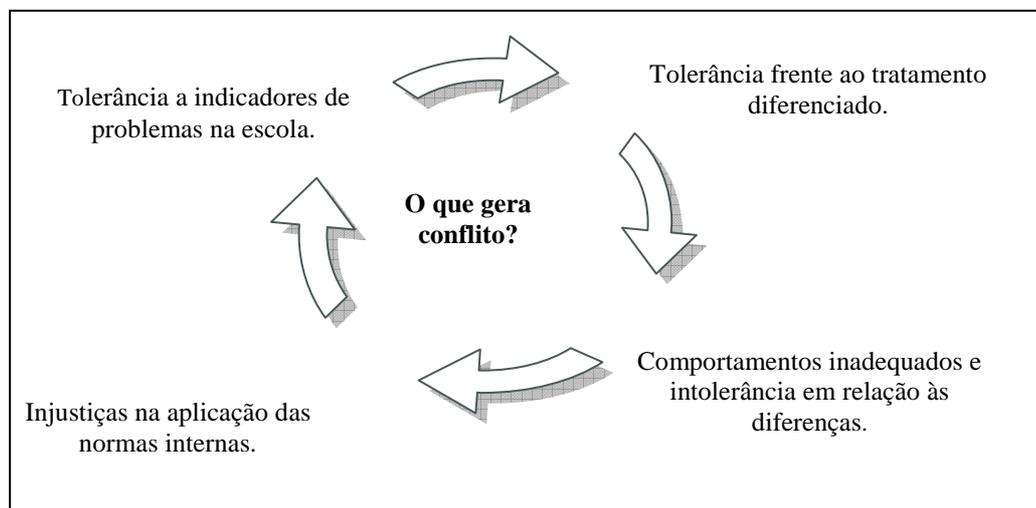
No que diz respeito à melhor forma de resolver situações de conflito, verifica-se que a maioria, como os professores, é favorável à intervenção de uma terceira parte, seja um professor representante, o que é mais defendido pelos alunos, seja por alguém da direção ou equipe pedagógica.

Quanto à percepção de alunos que perturbam a ordem em sala de aula ou que provocam confusões no pátio, a grande maioria considera que o comportamento pode ser atribuído à atenção dada pelos colegas. Que punições como, “suspensão”, poderiam resolver o problema, pelo menos para os que permanecem na escola.

Há indicadores que apontam para uma percepção de assimetria no estabelecimento e aplicação de regras na escola (Quadro três).

Um dado bastante positivo diz respeito ao respaldo dado pelos alunos ao exercício da autoridade do professor em sala de aula, para garantir boas condições de ensino.

Quadro 3 – Síntese dos resultados apresentados pelos professores e alunos.



Considerações Finais

Percebe-se um quadro preocupante para todo o sistema educacional. Professores se ausentando das aulas com licença médica devido ao stress ou mudando de profissão; alunos sofrendo com a troca constante de professores; baixos índices de aprendizagem. Essas idéias permitem relacionar a questão do fenômeno “conflito escolar” não só às questões atuais levantadas, mas também apontar para uma pesquisa no qual se priorize a relação existente entre os conflitos e o fracasso escolar, pois o problema afeta alunos, professores e o processo de ensino na sua totalidade e tem se constituído em um entrave para o aprimoramento da educação.

Observa-se um sistema educacional que não demonstra uma prática sistemática para resolução dos conflitos, reprova sistematicamente, fazendo com que grande parte dos alunos abandone a escola antes de completar a Educação Básica ou mesmo levem um tempo maior para essa conclusão. Professores desestimulados e alunos com sua alta estima afetada.

O conflito escolar pode ter origem tanto fora como dentro da escola. Conflitos gerados por meios extra-escolares têm raiz nos problemas sociais, de sobrevivência, de qualidade de vida, de relações familiares. Dentro da escola, são os aspectos como a proposta curricular, a metodologia do professor, o desinteresse do aluno, a organização do espaço da sala de aula, o tempo previsto para a realização das atividades pedagógicas, o descumprimento das normas internas, tanto pelos professores quanto pelos alunos, dentre outros aspectos.

A pesquisa revelou que não existe uma diferença profunda entre o ponto de vista dos alunos sobre as questões que geram conflitos na Escola. Com relação aos professores também existe o consenso geral de que estão desmotivados e desconhecem mecanismos eficazes para resolução de conflitos. Os conflitos, para os jovens, se resolvem quando os envolvidos são mandados para fora da sala de aula ou quando o inspetor separa as brigas na hora do recreio.

Alguns professores sentem a falta das “práticas repressoras” da escola de outrora; outros vêem a falta de cumprimento das normas como reflexo da pobreza, da falta de bons exemplos e da violência presentes na sociedade, de um modo geral; outros, ainda, atribuem o comportamento sem limites do aluno. Alguns parecem compreender que a manifestação negativa do convívio escolar está relacionada aos traços de personalidade de cada aluno; uma outra maneira de justificar o problema é tentar associar o comportamento desajustado ao desinteresse do aluno pelas atividades escolares.

Embora não seja um problema apenas da escola, a questão dos limites, no que se refere aos pais, também aparece. É conhecida pelos professores, a prática dos pais de delegar e cobrar da escola a imposição de limites, que em casa não conseguem estabelecer. Os conflitos entre alunos são vistos como menos importantes inclusive no grupo dos próprios alunos pesquisados. Da mesma forma, o tratamento diferenciado a alguns alunos é visto como um sério agravante.

As questões ligadas às situações de conflitos entre alunos e entre professores e alunos são discussões que precisam ser incorporadas às questões pedagógicas como aprendizagem a ser construída nas relações interpessoais na escola. Essas relações interpessoais na escola precisam ser vistas como uma nova aprendizagem a ser incluída nas práticas educativas de forma a contribuir para a construção de um novo paradigma de formação. Formação inicial e contínua dos professores e principalmente formação enquanto prática educativa.

Da mesma forma, pode ser mudada a relativa naturalização dos conflitos ocorridos entre os alunos, constatada na menor importância conferida a eles, no comprometimento do convívio por contingente expressivo dos professores e alunos pesquisados. Tal naturalização pode redundar em menor atenção a sinais de maus tratos repetidos ou *bullying*¹ entre alunos ou mesmo a síndrome de *burnout*² entre os professores.

É preciso voltar-se à análise, quando do posicionamento dos professores, diante da experiência de implementação de estratégias diferenciadas de organização escolar visando minimizar os conflitos. Há elementos que apontaram que os professores conhecem as diretrizes traçadas pela legislação, mas não têm compreensão da política como um todo, tendo em mãos o poder para resolver grande parte dos conflitos, mas não estando motivados ou preparados para enfrentar essa nova realidade nas escolas.

A boa convivência na escola é fundamental para o exercício da cidadania. A escola tem a obrigação de criar estratégias que ajudem a melhorar a convivência entre alunos e professores e alunos. O professor deve organizar ações que ajudem a diminuir os problemas e contribuir para aumentar a participação daqueles alunos “discriminados”. É fundamental que o professor estimule o protagonismo em seus alunos. O professor deve ter sensibilidade para

¹ *Bullying* - LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. 2005 vol.81, no. 5, suppl, p.s164-s172. ISSN 0021-7557.

² Síndrome de *burnout* - CARLOTTO, Mary Sandra. **A síndrome de *Burnout* e o trabalho docente**. 2002, vol. 7, no. 1, p.21-29. ISSN 1413-7372.

identificar problemas que não são tão explícitos quanto uma briga no pátio da escola. Alguns alunos, muitas vezes, sofrem com rejeição, agressões, que não precisam ser físicas.

Ressalta-se a necessidade de desenvolver ações que diminuam os conflitos entre alunos e entre eles e os professores, contribuindo dessa forma com melhores condições de trabalho e melhoria do aprendizado dos alunos.

Cada um destes mecanismos pode contribuir com uma melhor convivência em nossas escolas e que apesar de não existir fórmulas mágicas, muitos apontamentos oferecem meios concretos para possibilitar a solução ou minimizar os problemas advindos das relações interpessoais na escola.

A melhoria da convivência escolar implica em que todos os segmentos envolvidos assumam suas responsabilidades e trabalhem visando a um mesmo caminho, a um mesmo objetivo. As famílias, os professores e as instituições devem ter como foco principal à melhoria da educação das crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (organizador). **Indisciplina na escola** – alternativas teóricas e práticas, 4. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

_____. **Confrontos em sala de aula**. Uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Indisciplina** O Contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Ed. Moderna, 2004.

DELORS, Jacques. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. UNESCO, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1999.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069 de 13 de Julho de 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, São Paulo, 2005.

LDBEN – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal nº 9.394 promulgada em 1996.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, 1994.

VINHA, Telma P. Valores Morais em Construção. **Revista AMAE-Educando**, nº 285, agosto, pp.6-12. Belo Horizonte: Fundação Amae para a Educação e Cultura, 1999.